



CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO RELIGIOSO

THE SOCIAL INCLUSION OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN THE RELIGIOUS SCOPE

Myrelly Lorana da Silva Mangueira¹
Francisca Máisa Maciel Gomes de Almeida²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que tem aumentado de forma significativa nos últimos anos, fazendo-se necessário que a sociedade desperte para garantir direitos e incluir as pessoas com autismo em todos os contextos do agrupamento social, incluindo o âmbito religioso. Assim, o objetivo deste escrito é analisar como ocorre a inclusão de crianças com TEA no contexto da Assembleia de Deus em Cajazeiras-Paraíba. A atual pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva, pois tal abordagem atende aos objetivos propostos, e embasa-se na questão norteadora a seguir: “Como tem acontecido a inclusão de crianças com TEA no contexto da igreja Assembleia de Deus em Cajazeiras- Paraíba?”. Para a efetivação da pesquisa foi aplicado um questionário estruturado com professora da escola bíblica, da igreja Assembleia de Deus de Cajazeiras-PB. Dessa forma, foi possível observar até que ponto os professores entendem sobre o assunto, analisando como ocorre a inclusão de crianças com TEA dentro de uma instituição religiosa e identificando a relação entre professor e alunos, a qual se descreve por meio da busca do professor aliada ou não a recursos pedagógicos para a inclusão de todas as crianças, inclusive aquelas com TEA. Embora nem todos os professores participantes tenham conhecimento sobre assunto, eles demonstraram interesse a seu respeito e tornou-se notável que o questionário despertou neles o desejo de conhecer mais e pesquisar. Alguns dos docentes questionaram a pesquisadora sobre como agir em determinados momentos e, após aplicados esses conhecimentos, relataram suas experiências, sendo a porção majoritária dos casos positiva em relação aos seus resultados, melhorando a relação entre aluno, professor e família. Portanto, observou-se que muitos dos professores da instituição onde foi realizado o estudo não sabiam lidar ou não se sentiam aptos para trabalhar com crianças com TEA, sendo notória a necessidade de uma capacitação para aqueles que estão em sala com essas crianças.

¹ Licencianda em Pedagogia pela Faculdade São Francisco (FSF). E-mail: myrelly.loana@gmail.com.

² Mestra em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Educação Inclusiva MBA. Especialista em Psicologia Organizacional e Gestão de Pessoas pela UNICORP. Bacharela em Psicologia pela Faculdade Santa Maria (FSM). Professora do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP). E-mail: mayza_maciel@hotmail.com.

Palavras-chave: Transtorno de Espectro Autista; Inclusão; Religião.

ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that has increased significantly in recent years, making it necessary for society to wake up to guarantee rights and include people with autism in all contexts of social grouping, including the religious scope. Thus, the objective of this writing is to analyze how the inclusion of children with ASD occurs in the context of the Assembly of God in Cajazeiras- Paraíba. The current research is characterized as qualitative and descriptive, as such an approach meets the proposed objectives, and is based on the following guiding question: "How has the inclusion of children with ASD been in the context of The Assembly of God church in Cajazeiras- Paraíba?". To carry out the research, a structured questionnaire was applied with a teacher from the Bible School, from the Assembly of God church in Cajazeiras- PB. In this way, it was possible to observe the extent to which teachers understand the subject, analyzing how the inclusion of children with ASD occurs within a religious institution and identifying the relationship between teacher and students, which is described through the search for the teacher allied or not to pedagogical resources for the inclusion of all children, including those with ASD. Although not all participating teachers have knowledge on the subject, they showed interest in it and was notable that the questionnaire aroused in them the desire to know more and research. Some of the teachers questioned the researcher about how to act at certain times and, after applying this knowledge, reported their experiences, with the majority of cases being positive in relation to their results, improving the relationship between student, teacher and family. Therefore, it was observed that many of the teachers at the institution where the study was carried out did not know how to deal with or did not feel able to work with children with ASD, with a clear need for training for those who are in the classroom with these children.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder; Inclusion; Religion.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que caracteriza-se através de *deficits* no desempenho comportamental, movimentos repetitivos e uniformizados e interesses em atividades reduzidos. Destaque-se que o referido transtorno pode apresentar uma predominância no sexo masculino. Nesse sentido, os sinais podem surgir a partir dos primeiros meses de vida com algumas manifestações como: andar na ponta dos pés, estar sempre olhando para as mãos fixadamente, pular sem cessar e ter fixação por objetos inanimados e movimentos repetitivos.

De acordo com Mattos (2009), as dificuldades estão associadas ao relacionamento social, a dificuldade de comunicação e linguagem devidos ao comprometimento da imaginação para lidar com jogos simbólicos, aos obstáculos na interação social recíproca, a adversidades na socialização, ao padrão de comportamento restritivo e repetitivo e interesses restritos com comportamentos repetitivos e estereotipados, além de estarem relacionadas a desordens do

desenvolvimento neuropsíquico, como redução do contato visual e baixa expressividade facial.

Na contemporaneidade, tem-se acompanhado um aumento significativo nos diagnósticos de TEA, assim como tornou-se a crescente discussão sobre a temática. Segundo

Organização das Nações Unidas (ONU,2017), as estatísticas mostram que o TEA atinge aproximadamente 1% da população mundial, o que significa que há cerca de setenta milhões no mundo e dois milhões somente no Brasil de pessoas com o transtorno. Os dados mostram uma urgente necessidade em abordar e disseminar a temática em todas as esferas da sociedade.

É importante enfatizar que cada criança pode apresentar sinais e sintomas de forma singular. Em contextos passados as pessoas com TEA além de excluídas, eram tratadas com termos pejorativos, internadas em manicômios, isolados da sociedade ou até amarradas, pois entendia-se que elas geravam riscos às outras pessoas. Também não havia tratamento humanizado e voltado para o desenvolvimento das potencialidades.

As instituições religiosas foram as primeiras a acolher as pessoas com deficiências. A partir do advento do cristianismo, emerge uma nova visão de amor e caridade. Sob essa ótica, as pessoas marginalizadas passaram a ser vistas de um novo modo, entre esses indivíduos estavam as pessoas com deficiência. Destarte, o surgimento da igreja cristã influenciou diretamente nas concepções romanas de abandono e morte de crianças com deficiências. As transformações advindas da influência do cristão no modo de enxergar os marginalizados promoveram o surgimento de casas de caridade e assistência para as pessoas com deficiência, pobres, abandonados e doentes graves ou crônicos (SILVA, 2009).

É preciso ressaltar que a visão de acolhimento e assistencialismo não era inclusiva, contudo, representou uma ruptura na exclusão e na violência cometida contra as pessoas com deficiência. Nesse sentido, é cabível destacar que atualmente a religiosidade é um aspecto fundamental para constituição da subjetividade humana e é um direito assegurado para as crianças e adolescentes de acordo com o Estatuto da Criança e o Adolescente – ECA (1990).

Sob essa perspectiva, a inclusão deve ser entendida não meramente no ambiente escolar. É preciso inserir a criança no meio social para que ela possa exercer seus direitos de ser e conviver, favorecendo sua interação e progresso. É necessário que os demais espaços sociais tais como: teatros, igrejas, praças e outros, estejam aptos a incluir as pessoas com deficiências. Assim, para a construção de uma sociedade democrática é imprescindível que a inclusão seja, de fato, executada. Nessa concepção, o respeito às diferenças e a igualdade de oportunidades requer o movimento de incluir, ou seja, uma ruptura com o movimento da exclusão.

Dessa forma, a atual pesquisa surge a partir das experiências vivenciadas pela pesquisadora como professora da Escola Bíblica e do culto infantil na Igreja Assembleia de

Deus na cidade de Cajazeiras-PB, ocasião na qual entrou em contato com crianças neurotípicas e neuroatípicas e, conseqüentemente, passou a ter convivência com suas famílias, assim o interesse pelo tema foi despertado. Ao longo da experiência nasce a inquietação ao perceber as dificuldades enfrentadas pelas crianças com TEA para serem acolhidas e incluídas de fato.

Nessa feita, entende-se que incluir é um direito constitucionalmente garantido e, por isso, as instituições religiosas, assim como todos os espaços, precisam assegurar tal direito. Com isso, a pesquisa leva como pergunta norteadora: “Como tem acontecido a inclusão de crianças com TEA no contexto da igreja Assembleia de Deus em Cajazeiras - Paraíba?”

A partir da indagação, traçou-se como objetivo geral: analisar como ocorre a inclusão de crianças com TEA no contexto da Assembleia de Deus em Cajazeiras-Paraíba. Além disso, foram elencados três objetivos específicos: a) investigar a relação entre os professores e alunos com TEA na Igreja Evangélica Assembleia de Deus; b) descrever como os professores buscam incluir as crianças com TEA nas atividades socioeducativas; c) identificar quais recursos utilizados por professores para a inclusão de crianças com TEA.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem da pesquisa se caracteriza como qualitativa, por entender que essa abordagem atende aos objetivos propostos na pesquisa. Por ser de tal cunho, refere-se a uma abordagem ligada a um restrito grupo de indivíduos, no qual existe como foco uma melhor compreensão relativa ao contexto do problema com o objetivo de o analisar e poder descrevê-lo. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

Com essa abordagem, foi situada a análise dos dados a partir da perspectiva da pesquisa descritiva, que tem por objetivo identificar as características de algo, mesmo que sem se aprofundar no assunto, obtendo um mapeamento completo do grupo estudado com dados como sexo, estado civil e formação

A pesquisa foi realizada em parceria com a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, localizada na cidade de Cajazeiras-PB. Dessa forma, o percurso metodológico incluiu o envio de um questionário enviado pelo whatsapp com um link do Google Forms, no dia dezoito de outubro de 2022 (terça-feira). Com o propósito de delimitar a pesquisa, optou-se por trabalhar com as professoras da Escola Bíblica Infantil. A fim de atingir os objetivos elencados, após o questionário a pesquisadora foi buscada por algumas professoras para saber mais do assunto, iniciando um breve diálogo. Na igreja, existem três salas de aula divididas com crianças de dois

anos a onze anos de idade, na sala I há crianças de dois a cinco anos, na sala II há crianças de seis a oito anos e na sala III existem crianças de nove aos onze anos de idade.

No Quadro 1 estão representados os dados sociodemográficos dos professores abordados.

QUADRO 1. Distribuição dos dados categóricos da amostra (N=28) (Sugestão de legenda para o quadro: Distribuição dos dados categóricos da amostra (N=28) relativos aos docentes participantes da pesquisa)

Variável	Quantidade	%
SEXO		
Feminino	24	86%
Masculino	4	14%
ESTADO CIVIL		
Casados	14	71%
Solteiros	10	29%
FORMAÇÃO		
Pedagogia	4	14%
Enfermagem	2	7%
Ensino Técnico	3	10%
Ensino Médio completo	10	35%
Biomedicina	1	0,35%
Ciências contábeis	1	0,35%
Arquitetura	1	0,35%
Fisioterapia	1	0,35%
Ensino médio incompleto	3	10%
Química	1	0,35%
Terapia ocupacional	1	0,35%
Geografia	1	0,35%

Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Nesse contexto, a população amostral da pesquisa foi composta por 28 professores da Escola Bíblica Infantil da igreja supracitada, sendo esses quatro do sexo masculino (14%) e vinte e dois do sexo feminino (85%) com a faixa etária dos quinze aos quarenta e quatro anos. Ressalta-se que apenas quatro tem formação em Pedagogia. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário semi-estruturado com dezesseis questões produzidas por meio do Google Forms e enviado através do whatsapp para os professores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

A análise de dados tem por base examinar as respostas dos questionários de forma fidedigna e investigar os dados dos resultados obtidos. O questionário foi elaborado pela pesquisadora com intuito de atender os objetivos da pesquisa, bem como verificar como

acontece a inclusão de crianças com TEA nos cultos infantis. O questionário contém dezesseis perguntas sendo elas subjetivas e objetivas.

De acordo com relatos dos professores, a rotina do culto infantil é organizada da seguinte forma: Há uma rotina fixa, os professores são organizados por uma escala mensal e as crianças passam em média uma hora no espaço designado. No primeiro momento, as crianças entram em fila, sentam, fazem seus pedidos de oração, louvam o hino da harpa escolhido (um por mês para que eles possam aprender), louvam ainda outros hinos infantis escolhidos por eles. Esse momento é marcado pela diversão, em que todos cantam e dançam. Em seguida, é feita a leitura da Palavra de Deus (Bíblia Sagrada) para contar a história do dia. Assim, os relatos das Histórias Bíblicas são contadas em uma linha do tempo.

“Por exemplo na sexta feira foi contado que Maria recebeu a visita do anjo para anunciar que vai gerar o filho de Deus, no domingo José é visitado para dizer que o filho que Maria está esperando é de Deus, assim todas as histórias são passadas de forma clara e lúdica para eles com continuidade, fantoches, visuais, alguns professores utilizam fantasias, cinema ou colocam eles para interpretar. Após contar a história todos recebem a atividade referente ao que foi falado na história desenvolvida de acordo com a idade deles.”

Professora Rosa

Nota-se que há uma organização para o ensino junto aos alunos, mesmo não seguindo o mesmo formato de sala de aula, há uma estruturação que permite o ensino e aprendizado. A partir dos relatos dos professores, pode-se, também, inferir que não existem muitas capacitações sobre o tema abordado nesta pesquisa. Principalmente formações direcionadas aos professores de Escolas Bíblicas, portanto, ainda se fazem necessários mais conhecimentos e informações sobre a temática do manejo de crianças com TEA. Segundo o relato dos docentes, existem crianças com preferências por determinados professores, por identificarem-se mais com esses justamente devido ao bom desenvolvimento da inclusão por eles desempenhado.

A Lei nº 12.764 (BRASIL, 2012), equipara a pessoa com autismo à pessoa com deficiência, para efeitos legais, ou seja, confere os mesmos direitos. Essa Lei representou um marco que confere direitos para a pessoa com TEA. Outra Lei importante foi a de nº 13.146/15 (BRASIL, 2015), conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, a qual assegura direitos a essa população e dispõe em seu quarto artigo sobre o direito de igualdade de oportunidade, indicando que tais indivíduos não deverão sofrer nenhuma espécie de discriminação.

Percebe-se que as duas leis trazem consigo que as crianças com TEA devem ter igualdade de oportunidade em todos os ambientes da sociedade, não apenas na educação. Mas, em todos os espaços. Como formenta a Conferência de Salamanca(1994), a sociedade deve se

adaptar para incluir as pessoas com deficiência, e não o contrário.

O Decreto nº 8.368 (BRASIL, 2012) fala sobre assegurar o direito das pessoas com TEA a educação.

É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo garantido a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior (BRASIL, DECRETO 8.368, 2012, ART 4).

É fundamentalmente relevante que sejam promovidas formações na área do desenvolvimento infantil para ministrar o culto infantil e promover aprendizados de forma inclusiva para as crianças. Os conhecimentos sobre o tema neste escrito apresentado precisam ser democratizados a fim de gerar a aquisição das habilidades necessárias para lidar com crianças com TEA.

Um exemplo citado por uma das professoras a respeito de uma das crianças da Escola Bíblica que está em investigação para o diagnóstico de TEA:

“A partir do momento em que a criança foi incluída na atividade passou a comportar-se de maneira mais assertiva. Ao determinar que ele deveria fazer a entrega dos copinhos com suco de uva, recolher posteriormente, ele começou a se comportar de maneira mais calma. Os resultados da inclusão foi no comportamento da criança e da mãe, que se mostrou mais animada e assuída na igreja. A mãe mostrou-se muito feliz vendo sua participação e inclusão do filho, uma vez que dificilmente ele permanece na sala por muito tempo e ela conseqüentemente não ficava no culto pois, não conseguia participar.”

Professora Laranja

É notável, através da fala da professora que atitudes simples podem proporcionar a inclusão, visto que o principal objetivo a ser alcançado por meio da inclusão é proporcionar as pessoas com deficiência a certeza de fazer parte da sociedade como um cidadão que tem algumas limitações, mas que tenha autonomia para realizar tarefas que são necessárias para sua qualidade de vida, inserção no mercado de trabalho e exercício da cidadania (BANK, 2018).

Quando refere-se a inclusão de pessoas com deficiência é necessário entender que a mesma deve ocorrer sem distinções e/ou condições, implicando a transformação dos espaços para atender às dificuldades e/ou necessidades de todos, e não apenas de alguns, ou seja, o trabalho deve ser pautado na capacidade de atender as diferenças, sem discriminar ou excluir (MANTOAN, 2011). A compreensão das diferenças e o trabalho embasado no respeito a elas foi realizado na situação relatada pela professora.

No contexto escolar brasileiro, ainda há uma realidade em que predomina a ausência de inclusão. Sendo assim, as estratégias adquiridas para trabalhar com crianças com TEA são

básicas e, na maioria das vezes, nulas. Os professores precisam entender que além de fatores legislativos, é necessária uma formação continuada, na qual os docentes sejam capacitados para melhor trabalhar, incluindo todas as crianças em qualquer ambiente.

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, LEI Nº 13.146, 2015. ART 27).

É muito importante que os professores estejam atentos para não acontecer somente a integração, isto é, que as crianças sejam apenas colocadas no ambiente de sala de aula sem que haja interação e geração de aprendizados, é preciso incluir, envolver efetivamente todas as crianças. Quando se exercita a empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro, consegue-se transformar preconceito e até falta de informação em conhecimento e oportunidade. A professora canadense Anita Nowak (2017) afirma que “a empatia é a força mais poderosamente perturbadora do mundo, só fica atrás do amor”. Quando há uma preparação, as consequências são positivas, as crianças aprendem melhor, as pessoas ao redor passam a entender a necessidade sem julgamentos, todos juntam-se em um só propósito, por isso incluir e acolher essas crianças é tão necessário. Quando se acolhe há mudanças, há aprendizado, há desenvolvimento, há inclusão.

Nesse sentido, o Quadro 2 refere-se a porcentagem geral de vinte e oito professores respondendo a questões subjetivas e objetivas sobre TEA.

QUADRO 2. Distribuição numérica e percentual das questões da pesquisa, em função dos níveis de entendimento sobre o TEA.

QUESTÕES:			
Existe inclusão social no ambiente religioso?			
82% sim		18% não	
Sabe o que significa TEA?			
100% sim			
Já percebeu que alguma criança tem traços de TEA?			
0,35% não respondeu	0,35% não percebeu	28% percebeu e comunicou aos responsáveis	71% percebeu e não comunicou
Alguma criança com TEA já teve crise em sala?			

0,35% não respondeu	42% sim	53% não	
---------------------	---------	---------	--

Fonte: Acervo dos autores, 2022

Ao observar a tabela foi possível perceber que 100% dos participantes afirmam saber o que significa TEA. Por meio do questionário efetuado com os professores da escola Bíblica a pesquisadora pode perceber que a minoria (18%) não acredita que exista inclusão, já a maioria dos mediadores (82%) acredita que exista inclusão para com tais crianças. Alguns daqueles que têm conhecimento a respeito do assunto em questão tiveram a percepção de que certas crianças possuem algum traço indicador e que devem buscar ajuda profissional a fim de conseguir um diagnóstico adequado. No entanto, alguns pais têm uma certa resistência para aceitar ou procurar ajuda. Por essa razão, os mediadores tem receio de comunicar e serem mal compreendidos pelos pais, que podem julgá-los como despreparados para lidar com tais condições. Nesse sentido, de acordo com Banks (2018) “a Igreja deve acolher, evangelizar, encorajar, incluindo estas pessoas e integrando-as aos demais membros, suas atividades devem ser voltadas para este público também e não somente para aqueles ditos ‘indivíduos normais’”.

No quesito do questionário “Já percebeu que alguma criança tem traços de TEA?” foi verificado que 0,35% não respondeu se já percebeu que alguma criança tem traços de TEA, 0,35% respondeu que não percebeu, 28% que percebeu e comunicou aos responsáveis e 71% percebeu e não comunicou. Além de conhecer os sinais, é importante nesse dados que profissionais e família busquem ajuda profissional para avaliação. Segundo Hofmann (2019) quando acontece o diagnóstico do TEA podem ocorrer misturas de sentimentos, tanto para a criança quanto para sua família, tais pessoas necessitam de um ajuste mediante às exigências emocionais e sociais.

Quando questionado se “Alguma criança com TEA já teve crise em sala?”, 0,35% não respondeu se alguma criança com TEA já teve crise em sala, 42% respondeu que sim e 53% respondeu que não. Em conversa com a pesquisadora alguns disseram que preferiram não responder pois, não entendiam do assunto, mesmo que utilizando o pouco entendimento no assunto buscaram entender do que se tratava para só então responder o questionário, caso ocorresse alguma dúvida no assunto questionavam ou preferiam não responder.

Para compreender as crises no TEA, é preciso entender que todo ser humano pode em algum momento, seja por *stress* ou ansiedade, ter uma desregulação emocional e não conseguir gerenciar as emoções. Quando se trata de crianças que não possuem ainda um sistema nervoso preparado para lidar com essa carga de emoções já se tem um contexto complexo e quando refere-se a crianças com TEA o desafio pode ser ainda maior. No autismo, são conhecidas as

crises emocionais por *Meltdown*, caracterizadas por um momento de crise, no qual há uma dificuldade de controlar impulsos ou reações, podendo ocorrer em momentos estressantes, como barulho intenso, frustração ou sobrecarga sensorial (MARTINS, 2019).

Meltdown é uma palavra da língua inglesa que significa “derretimento” e simbolicamente vem relacionada a sensações vividas durante as crises, nas quais o sujeito apresenta um colapso na sua capacidade de gerenciar as próprias emoções e sentimentos. Esses momentos podem ser acompanhados de sintomas, como gritos, choro, enjoos, tremores, mal-estar ou comportamento autoagressivo, havendo, então, uma grande diferença entre tais crises e uma birra, essa última sendo considerada uma estratégia para conseguir algo que deseja. (MARTINS, 2019).

Quando questionado “O que faria se alguma criança com TEA entrasse em crise?”, 21% chamaria os pais, 71% tenta controlar com algo que tenha em sala, 0,35% retira da sala e 0,35% tenta controlar, se não conseguir chama os pais. A relação entre professor e aluno vai além da sala de aula, o professor precisa ter paciência e cautela para lidar com todos os alunos e saber incluir é algo fundamental para que uma aula tenha um bom desenrolar, pois não é coerente deixar uma criança de lado por ela ser diferente ou deixar de tentar fazer algo novo. Em diálogo com os participantes da pesquisa, é notório que poucos têm preparação para lidar com crianças com TEA e alguns não tem paciência para realizar essa tarefa.

No Quadro 3 estão dipostos o percentual referente a outros quesitos do questionário da pesquisa em função dos níveis de entendimento sobre o TEA.

QUADRO 3. Distribuição numérica e percentual das questões da pesquisa em função dos níveis de entendimento sobre o TEA.

Procura incluir todas as crianças?			
0,35% ás vezes	0,35% não	92% sim	
Sente dificuldade em relação a crianças com TEA?			
53% sim		46% não	
O que faria se alguma criança com TEA entrasse em crise?			
21% chamaria os pais	71% tenta controlar com algo que tenha em sala	0,35% retira da sala	0,35% tenta controlar, se não conseguir chama os pais

Fonte: Acervo dos autores, 2022

Quando questionado “Procura incluir todas as crianças?”, 0,35% relatou que as vezes sim, 0,35% não e 92% sim. Considera-se que para incluir é preciso conhecer, conhecer a criança, sua limitações e potencialidades, conhecer direitos e estratégias que funcionem metodologicamente, e para que isso ocorra é imprescindível formação e conhecimento.

Através da preparação dos professores para acolherem os alunos autistas é que

teremos uma aprendizagem mais ampla para com esses alunos, uma vez que a inclusão ocorre a partir do estudo e desenvolvimento pedagógico e com as possibilidade de todos estarem envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (ROCHA, 2022.p. 5).

Ao quesito “Sente dificuldade em relação a crianças com TEA?”, foi observado que 53% afirma ter sim dificuldades para incluir e 46% dizem que não possuem dificuldade. É interessante pontuar que alguns professores podem encontrar dificuldades dentro da sala de aula diante de uma criança autista ou diante de crianças que ainda não foram diagnosticadas, sendo complexo preparar um espaço adequado para elas. Com o diagnóstico fechado é possível traçar um plano de aprendizagem que se adequa a criança (RIBEIRO, 2021). Porém, não se pode esperar um laudo para agir com a criança, mas deve-se considerar que o diagnóstico, de fato, pode apontar caminhos e ajudar a compreender a criança em muitos aspectos.

O Quadro 4 apresenta o percentual em função dos níveis de entendimento sobre o TEA referentes a outras questões do questionário utilizado.

QUADRO 4. Distribuição numérica e percentual das questões da pesquisa, em função dos níveis de entendimento sobre o TEA.

Sente-se apto para lidar com crianças com TEA?				
57% não		42% sim		
Procura buscar novos meios de ensino?				
10% não	0,35% não souberam responder	7% não responderam	78% sim	
Quais métodos usa para contar a história?				
46% contam sem visuais	7% fantasias	10% fantasias, cineminhas e fantoches	14% cineminha	21% fantoches

Fonte: Acervo dos autores, 2022

Quando questionado “Sente-se apto para lidar com crianças com TEA?”, 57% dos participantes referiu que não e 42% apontou que sim. Quanto ao quesito “Procura buscar novos meios de ensino?”, 10% afirmou não buscar novos métodos, 0,35% não soube responder, 7% não respondeu e 78% busca métodos diferentes quando seus meios não funcionam de forma eficaz.

É necessário buscar informações junto aos responsáveis sobre a criança (interesses, comportamento entre outros), compartilhar as informações com os voluntários (cuidadores/professores), reduzir estímulos, criar rotinas com quadros visuais, usar linguagem clara, concreta e objetiva, utilizar recursos visuais para reforçar comportamentos esperados” (PAULA JUNIOR *apud* Dark, 2015. P.20).

Ao questionamento “Quais métodos usa para contar a história?”, 46% respondeu que conta sem visuais, 7% utiliza fantasias, 10% conta as histórias utilizando fantasias, cineminhas ou fantoches, 14% apenas cineminha e 21% somente o uso de fantoches. As crianças com TEA

são extremamente visuais e a utilização de materiais concretos ajuda na compreensão e aprendizado das crianças. De acordo com uma pesquisa realizado por Barbosa e Martins (2020), o uso de metodologias pautadas em materiais concretos é essencial na contribuição de um aprendizado significativo, bem como para a aquisição da leitura e da escrita em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O momento da contação de histórias é muito importante para todos os alunos e muitas vezes o professor tem dificuldade em engajar um aluno com autismo, captando sua atenção para atividade que é importante para estimular a linguagem, a criatividade, a interpretação de contextos e as habilidades sociais (INSTITUTO ITARD, 2019).

Nem sempre o professor sente-se apto para lidar com todas as demandas do ensino. Uma vez que a docência trabalha com diversidade humana, pressupõe-se que nessa área os profissionais lidarão com grandes complexidades. Porém, não é possível paralizar-se diante dos desafios, é preciso que haja mudança, aprendizados geram mudanças e quando a pessoa está pronta para mudar o comportamento e os métodos, busca aprender mais e saber onde está trabalhando e com quem, conhecendo os alunos, os pais e o ambiente.

No Quadro 5 são inferidos os últimos dados percentuais referentes aos questionamentos da pesquisa.

QUADRO 5. Distribuição numérica e percentual das questões da pesquisa, em função dos níveis de entendimento sobre o TEA.

Percebe que outras crianças tentam interagir com crianças com TEA?		
0,35% não respondeu	28% não	67% sim
Faria uma capacitação?		
96% sim	0,35% não	
O questionário despertou para o tema?		
92% sim	7% não	

Fonte: Acervo dos autores, 2022

Quando questionados se “Perceberam que outras crianças tentam interagir com crianças com TEA?”, 0,35% não respondeu, 28% não percebeu e 67% percebeu que sim. Guimarães (2017) afirma que muitas vezes os demais colegas tentam se aproximar da criança com TEA, buscando uma interação e com isso podem ter uma resposta positiva ou negativa.

Relativo ao quesito “Fariam uma capacitação?”, 96% respondeu que sim e 0,35% que não. Fica evidente a necessidade e o interesse em capacitação dos entrevistados. Assim, “torna-se necessário repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar e lidar em diferentes situações e possam assumir um papel-chave nos

programas de necessidades educativas especiais” (SALAMANCA, 1994).

Os professores precisam buscar sempre capacitar-se, de modo que Yousafzai (2013) afirma que “Uma criança, um professor, um livro, uma caneta podem mudar o mundo.” Essa frase serve para todos os sujeitos que fazem a educação, seja dentro da sala de aula ou não, então cabe ao professor usar suas armas para fazer um aprendizado significativo.

Quando questionado “ O questionário despertou para o tema?”, 92% afirmou que sim e 7% que não. O trabalho realizado pelos professores é uma atuação voluntária, sendo, então, escasso de formações. Embora seja um trabalho voluntário, é preciso que se considere os direitos dos alunos. Por fim, deve-se considerar que todo o trabalho na igreja precisa ser feito com ordem, descência, amor, carinho, dedicação e bastante estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa tornou-se possível perceber a importância da inclusão de crianças com TEA no âmbito religioso, como forma de garantir seu direito de aprender e professar crenças. Por meio da investigação verificou-se que os professores necessitam de capacitação contínua para conseguir incluir de modo efetivo esses alunos em sala. Quando o professor busca trazer novos métodos para a sala como fantoches, cineminha, músicas, visuais, todas as crianças aprendem com mais facilidade, inclusive as crianças com TEA. Desse modo, a aprendizagem de todos e, de modo particular, das crianças com TEA torna-se mais satisfatória e significativa.

Através dos dados da pesquisa pode-se perceber que os professores possuem formação escolar/acadêmica, contudo, quase nenhum possui formação em Pedagogia ou formação continuada específica em TEA. Assim, foram observado relatos de conhecimentos sobre o TEA, porém muitos dos participantes ainda não sabem como agir, adaptar ou intervir diante de uma criança com tal transtorno.

Nota-se que existe uma relação afetiva entre professores e alunos, mas falta conhecimento para elaborar e planejar as aulas de alguns professores. Ao longo da jornada da pesquisa, verificou-se, ainda, que no âmbito da igreja pesquisada há interesse em incluir todas as crianças, porém muitos professores esbarram na falta de capacitação e por tratar-se de um serviço voluntário isso pode fragilizar ainda mais. É preciso destacar, portanto, que mesmo diante dessas dificuldade existem professores envolvidos em promover a acessibilidade de aprendizados para todas as crianças, que buscam inovar suas práticas, pesquisar e aplicar metodologias inclusivas para todos.

Espera-se que esse estudo possa colaborar para profissionais interessados no tema,

fomentando pesquisas direcionadas para inclusão de crianças com TEA tanto no âmbito escolar como religioso e servindo de base para que as famílias consigam romper com os paradigmas e temores, oportunizando o conhecimento e desenvolvimento da espiritualidade de crianças com TEA por meio da inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANKS, Helen Cristian. Transtorno do espectro autístico: um desafio ministerial. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo. v. 44, n. 02. p. 111-138. jul./dez. 2018. <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/3849>

BRASIL. **Lei Nº 12.764/2012. DECRETO Nº 8.368**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Presidência da República, 2012., Brasília- Distrito Federal, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2014 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm

BRASIL. **LEI Nº 13.146**, Brasília- Distrito Federal, DE 6 DE JULHO DE 2015. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm

DARKE, Brenda. Deficiente: o desafio da inclusão na igreja. São Paulo, Editora **Hagnos**, 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, Salamanca-Espanha. 1994, [https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf](https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf).

DISCURSO DE MALALA YOUSAFZAI: **Youth Takeover (“Dia de Malala”)**, Nações Unidas, 12 de julho de 2013. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/os-direitos-humanos-e-os-desafios-do-seculo-xxi/manual/malala-yousafzai/#:~:text=N%C3%A3o%20falo%20em%20meu%20nome,de%20ser%20tratado%20com%20dignidade>.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS.

HOFZMANN, Rafaela da Rosa et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enferm. Foco**, v. 10, n. 2 p.64-69, 2019. Porto Alegre, 2009.

Hospital pequeno príncipe. **Autismo: criança apresenta traços do espectro em diversas intensidades**. 2022. <https://pequenoprincipe.org.br/noticia/autismo-crianca-apresenta-tracos-do-espectro-em-diversas-intensidades/>.

INSTITUTO ITARD. **Contaçon de história: 7 dicas para incluir alunos com autismo**, 2019, <https://institutoitard.com.br/contacao-de-historias-7-dicas-para-incluir-alunos-com-autismo/>.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, **INCLUSÃO ESCOLAR O que é? Por quê? Como fazer?** Editora Moderna.

2003:<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em 19 de novembro de 2022.

MANTOAN, Teresa Eglér. A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade – LEPED/Unicamp, 2011.

MATTOS, J. C. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, 36(109),87-95, 2019.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Revista Educação Pública. v.20 n° 34,8 de setembro de 2020: [https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista#:~:text=Segundo%20Gauderer%20\(1987\)%2C%20E2%80%9C,intera%C3%A7%C3%A3o%20social%20e%20a%20aprendizagem%20E2%80%9D](https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista#:~:text=Segundo%20Gauderer%20(1987)%2C%20E2%80%9C,intera%C3%A7%C3%A3o%20social%20e%20a%20aprendizagem%20E2%80%9D).

ONU - Nações Unidas no Brasil. **Rejeitar pessoas com autismo é um desperdício de potencial humano, destacam representantes da ONU**. 2017. Disponível em <https://brasil.un.org/> Acesso em dezembro de 2022.

RIBEIRO, Eliane Mota. **Transtorno do Espectro Autista: desafios e dificuldades enfrentadas pelo professor em sala**, Minas Gerais, 2021. https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/599_transtorno_do_espectro_autista_desaafios_e_dificuldades_enfrentadas_pel.pdf.

ROCHA, Rogério Moreira da Silva. **O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem** da criança com autismo. Goiás, 2022. <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2874/1/Artigo%20cient%20c3%adffico%20ROG%20c3%89RIO%20Moreira%20da%20Silva%20Rocha.pdf>.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudismar dos Santos. **Transtorno da aprendizagem abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre. **Artmed Edutora**. 2006. P. 423.

SCHUINDT, Cláudia Celeste. A educação inclusiva em espaços não formais: uma análise dos museus de ciências brasileiros, 2020. <https://www.scielo.br/j/edur/a/jLkrTk3JfKJvwDR9Md9z3TP/?lang=pt#:~:text=Assim%2C%20n%C3%A3o%20%20C3%A9%20suficiente%20tratar,como%20o%20resultado%20da%20intera%C3%A7%C3%A3o>

SILVA, Jéssica Moraes da. **Aprendendo com um menino autista: um estudo de caso**. São Luís Gonzaga. v. 1, p. 18. 2021. https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1791/jessica_moraes_da_silva.pdf?sequence=-1&isAllowed=y

VOLKMAR & WIESNER, **O que é autismo? Conceitos de diagnóstico, causas e pesquisas atuais**. <https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/133833760.pdf>

[Dados Internacionais de Catalogação]

Departamento de Biblioteca da Faculdade São Francisco

M546i Mangueira, Myrelly Lorana da Silva

A inclusão social de crianças com transtorno do espectro autista no âmbito religioso./ Myrelly Lorana da Silva Mangueira
.- Cajaziras-PB, 2022.

15p.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Faculdade São Francisco da Paraíba- FASP, Cajazeiras: 2022

Orientadora: Prof^a MSc Francisca Maísa Maciel Gomes de Almeida

1- TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA 2- INCLUSÃO

I-TÍTULO

CDU 616

Jacqueline Bezerra Araújo Fernandes 588